

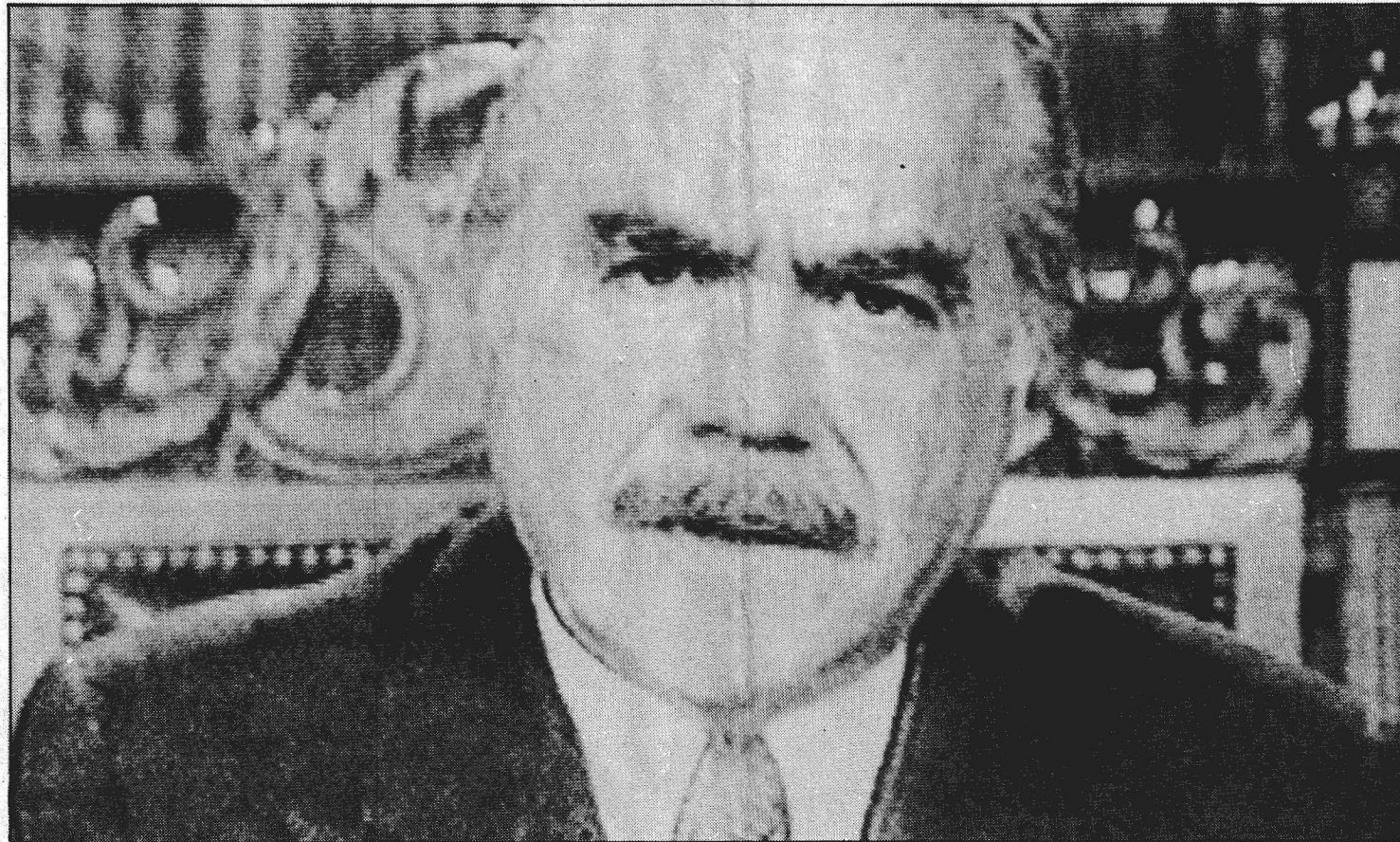
Sarney e Marinho rompem. Culpa do "camelô".

A candidatura Sílvio Santos provocou o mais estrondoso fato novo da sucessão: o rompimento entre os presidentes José Sarney, da República, e Roberto Marinho, da Rede Globo. A explosão dessa antiga amizade, estreitada nos últimos cinco anos de governo, aconteceu no início da noite de quinta-feira, dia 2, depois de uma dura e áspera discussão de uma hora e meia, na biblioteca do Palácio da Alvorada, residência de Sarney.

"Você precisa convocar uma cadeia de rádio e tevê e tornar explícito que nada tem a ver com a candidatura desse camelô", ordenou Marinho, mal se contendo na poltrona de frente para o surpreso anfitrião com o rosto vermelho, onde ressaltavam as herpes de fundo nervoso. "Dr. Roberto, eu não precisei fazer isso com nenhum candidato. E não o faria com Sílvio Santos", respondeu o presidente. Marinho foi impositivo: deu um prazo de 24 horas para que Sarney acatasse a ordem de convocar uma rede de rádio e tevê. E buscou a porta de saída, indicando que a conversa estava encerrada. Sarney ensaiou acompanhá-lo, mas Marinho nem sequer estendeu a mão para o cumprimento final. Perplexo, Sarney não conteve um desabafo, relatado mais tarde por um de seus assessores: "A mágoa faz a gente perder os amigos mais diletos".

Antes de chegar a tal extremo, Marinho procurou entender o envolvimento de Sarney na fabricação do candidato Sílvio Santos, seu concorrente mais direto na tevê brasileira. Antes mesmo que o Boeing presidencial aterrissasse em Brasília trazendo o presidente de volta do encontro de presidentes de países de língua portuguesa, em São Luís, o Lear-Jet de Marinho já estava estacionado no aeroporto da capital federal. Bem que Sarney já tinha recebido sinais de que alguma coisa aconteceria: no dia anterior, o Jornal Nacional da TV Globo não dera sequer uma palavra sobre o encontro de São Luís.

Quando Sarney abriu a porta da biblioteca do Alvorada, Marinho disparou:



Sarney: "Se ele (Marinho) quer guerra, vai ter".

"Você me diz que não tem nada a ver com a candidatura desse camelô, mas foram os seus amigos que fizeram tudo. E isso é uma evidência da sua participação". Sarney ainda tentou contornar a situação: "Dr. Roberto, isso é pura coincidência. Não são os primeiros, nem serão os últimos a apoiar uma candidatura que não é a minha. Eu aceito a opção deles, porque a política é também uma relação regional do político com seus eleitores. Nem sempre é do político com a cúpula. O Lobão (senador Edson Lobão) e o Gadelha (senador Marcondes Gadelha, vice de Sílvio Santos) são chefes políticos e ficaram sem alternativa de sobrevivência". Sarney procurava

ser afável até essa altura do diálogo, mas a conversa decaiu e a amizade terminou antes mesmo que o dia de Finados chegasse ao fim.

Rompimento

Terminadas às 24 horas do prazo que Marinho deu a Sarney, o rompimento se oficializou com vários desdobramentos. O choque começou a aparecer na tela da tevê e nos jornais de Marinho, cujos postos de comando receberam a ordem estrita de que a casa nada mais tinha a ver com Sarney. Os novos tempos apareceram também nos editoriais assinados pelo próprio Marinho — e, já no sábado, o candidato Collor de Mello assumia um tom irado no co-

mício de Pirituba, em São Paulo, para acusar Sarney de estar envolvido em "corrupção, falcaturas e ladroagem".

Foi na própria quinta-feira que Marinho tentou localizar Collor por telefone para comunicar as novas decisões. Inútil. Collor saíra cedo de Maceió em direção a Porto Velho. Quando chegou em Manaus, encontrou o recado de Marinho — e, imediatamente, reuniu-se com os assessores da campanha para decidir o que fazer em relação a Sílvio Santos. Ficou resolvido, então, que todo o espaço de rádio e tevê no horário gratuito seria ocupado com ataques frontais ao "senhor José Sarney", não o presidente.

Foi o próprio Collor quem redigiu as quatro páginas de sua fala, no apartamento que ocupava no Hotel Tropical. O pronunciamento foi gravado às pressas — de uma vez só, sem interrupções. Terminado o serviço, Collor prosseguiu seu roteiro de viagens por Macapá, Teresina e, finalmente, Brasília, onde dormiu na madrugada de sexta-feira para sábado. Nesse instante, Marinho já tinha liberado o departamento de jornalismo da **Globo** para mostrar os duros ataques de Collor a Sarney no comício de Pirituba. Minutos depois, no horário gratuito, Marinho sentiu-se ainda mais gratificado: Collor repetia as críticas com muito mais intensidade.

A guerra estava começando. Sarney assistiu pacientemente ao duplo petardo na noite de sábado, em seu sítio do Pericumã. Analisou com calma a situação e voltou ao Alvorada, no domingo, disposto a reeditar os tempos turbulentos em que enfrentava seu adversário Vitorino Freire na política provinciana do Maranhão.

"Se ele quer guerra, vai ter. Não sou incendiário, mas também não sou bombeiro para apagar fogo", disparou Sarney frente a um ministro. E ordenou imediatamente a Saulo Ramos, da Justiça, que pedisse tempo no horário da tevê para responder a Collor. As críticas de Collor, na verdade, já tinham começado na véspera do feriado — exatamente um dia depois de a candidatura Sílvio Santos ser anunciada. Desde então, ele atacava o governo como não tinha feito até a ocasião, chamando o governo de "corrupto", no comício de Rio Claro, e repetindo a ofensa pelas cidades vizinhas.

No domingo à noite, quando estava em campanha em Piracicaba, Collor foi informado da intenção do governo em processá-lo. E um dos mais indignados com seu comportamento era o ministro do Exército, general Leônidas Pires Gonçalves, que pessoalmente estimulou Sarney a apelar à Justiça.

Luiz Claudio Cunha e Ariosto Teixeira